

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Maria José Ferreira Soares	Data: 05/05/2011	Ocupação: Secretária Municipal da Cultura e Turismo
Município: Morro do Pilar		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 35 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Seu nome completo?*
- Maria José Ferreira Soares.
- *Idade, Maria José?*
- 55 anos.
- *Endereço?*
- Praça João de Matos, nº 12, Centro, Morro do Pilar.
- *Profissão?*
- Secretária Municipal da Cultura e Turismo.
- *E qual é o seu envolvimento no meio cultural do município?*
- O meu envolvimento no meio cultural? Tentar resgatar o passado da nossa cidade, solucionar os problemas que surgem, as buscas, e etc. É o que a gente tenta fazer a todo momento, e envolvimento com as festas tradicionais, com as festas fora de época, como o Carnaval, forró, etc. A gente trabalha muito nessa parte também, e sempre buscando o melhor, e o resgate mesmo da cultura de Morro do Pilar.
- *Aqui em Morro do Pilar, quais as manifestações culturais que existem, os saberes e os modos de fazer? Vamos começar pelas festividades, aí depois a gente vai pontuando cada um...aí no caso, as festividades, quais tem?*
- As festividades que nós temos são...vamos começar pelo principinho aí do ano. A gente tem, primeiro: Carnaval, Semana Santa, mês de maio nós temos a Festa da Padroeira, que é Nossa Senhora do Pilar. Mês de junho, não temos nada, o julho nós temos o Forró do Povo. Agosto temos as festas tradicionais, que é Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e do Divino

Espírito Santo, e setembro, geralmente acontece um rali, alguma coisa assim, mas não é todo setembro que acontece não. E tem as festas assim...igual tem uma inauguração de uma praça, mas acho que isso aí nem precisa, são ocasionais.

- *E a Cavalgada?*

- Cavalgadas são feitas, outro dia mesmo tem um grupo daqui do Morro que faz parte da Cavalgada, que sai de Nova União, eles vão daqui, pegam o pessoal do Itambé, São Sebastião e vai pra Nova União. Dessa vez foi o contrário, eles vieram, o pessoal daqui encontrou com eles no Cabeça de Boi, no Itambé, e terminaram em Santo Antônio. E temos também as cavalgadas, onde que são feitas para render para festas.as Igual essas festas de agosto, que faz com o dinheiro arrecadado do povo. Então uma sai aqui do Morro e vai pra alguma fazenda, lá é vendido o tropeiro, a comida, né? E é vendido pra arrecadar esse dinheiro, temos essas cavalgadas também que agora nessa época começa. E temos uma tradicional também: a que vai para Conceição do Mato Dentro, no Jubileu. Você já deve ter ouvido falar, do Jubileu. Essa também vem o pessoal, a redondeza: Itabira, Santo Antônio, São Sebastião, esses lugares mais próximos, concentram aqui no Morro, dormem à noite aqui no Morro, e no outro dia saem daqui e vão pra Conceição. E onde tem que a benção dos cavalos, e etc. Essa é tradicional também.

- *Dessas festividades, por exemplo, a Festa de Nossa Senhora do Pilar, que é a Padroeira da Cidade, você sabe dizer pra gente desde quando ela existe?*

- Exatamente, eu não sei não. Mas tem muito tempo.

- *E ela é feita... quem tá à frente dessas festividades, é comunidade, junto com o pároco, como que é?*

- Hoje quem está à frente é a comunidade, que está à frente dessa festa, que faz ela. Mas alguns anos atrás, ela tinha festeiro também. Como tem o festeiro de Nossa Senhora do Rosário, do Divino, São Benedito. Mas agora não, a comunidade é que faz a Festa de Nossa Senhora do Pilar. Portanto, ela era feita no mês de agosto, e passou pra ser feita no mês de maio, mudou, separou. E é a comunidade é que faz essa festa.

- *E atualmente ela não tem festeiro não?*

- Não, ela não tem festeiro não, é um grupo. É a própria comunidade, um grupo faz a liderança, e arrecada ali os dinheiros, etc., porque são festas que ainda conservam o “Tutu da Madrugada”, um doce...então tem que ter essas arrecadações financeiras, para acontecer. Tem um show pirotécnico, à noite, tem banda, tem tudo, então tem que ter.

- *E são quantos dias de festa, pra Festa de Nossa Senhora do Pilar?*

- Na Festa de Nossa Senhora do Pilar, primeiro é feita a novena. A novena, este ano, vai começar dia 18, e a festa vai ser dia 28...acho que é o próximo final de semana, no outro final de semana, é que vai acontecer. Mas primeiro é feita uma novena, e esta novena, ela é feita assim por setores. Faz na rua, e então na igreja. Quando é feita nas ruas, cada dia da novena é celebrada na rua, com um tema relativo à Maria, Nossa Senhora.

- *A rua que você fala, na rua propriamente dita, ou na casa de um morador?*

- Na rua propriamente dita. Monta palanque, etc. e faz a celebração lá.

- *Aí durante à novena, somente a novena, uma barraquinha...*

- Há leilões, há barraquinha, há tudo.

- *Pós novena.*

- É.

- *E no dia da festa mesmo, que vão supor no domingo, né?*

- No domingo, acontece de sábado pra domingo.

- *Aí no domingo, qual que é a dinâmica?*

- No sábado, levanta a bandeira, com esse show pirotécnico, banda tocando, e etc. No domingo, tem a madrugada, tem o tutu. Depois têm missas, e procissão. E encerra a festa, com procissão, benção do Santíssimo, e etc.

- *E a festa de agosto, que aí é homenageada para três santos, né? Festa do Rosário, do Divino e São Benedito. Ela acontece durante três dias?*

- Acontece, cada um num dia. São três dias de festa. Geralmente começa na quinta-feira, à noite, aí fica sexta, sábado e domingo de festa. São três dias, também. O ritmo, é praticamente o mesmo. Mas por exemplo, aí já tem festeiros. Tem a procissão, têm os reis, igual Nossa Senhora do Rosário tem rei, tem rainha...o Espírito Santo, também tem. São Benedito, já era uma festa assim, que era um santo mais pobre, etc., já não é assim com tanta pompa, igual às outras, igual Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo.

- *E pra cada dia, homenageia um santo específico.*

- Para cada dia, um santo específico. Geralmente é a sexta-feira o São Benedito; o sábado, o Divino Espírito Santo; e o domingo, a Nossa Senhora.

- *E a Semana Santa? A dinâmica? Começa no Domingo de Ramos...*

- A Semana Santa começa no Domingo de Ramos, começa numa igreja que está em construção ainda, lá começa a primeira parte da liturgia, da missa. Faz a benção dos ramos lá, e desce a procissão, e termina aqui na igreja. Aí na segunda-feira, tem a Confissão Comunitária, quando pode vir outros padres, para ajudar a fazer a confissão, vêm; mas este ano não pode vir, então teve Confissão Comunitária na segunda-feira. A igreja lota. Na terça-

feira, tem a procissão, que leva o Nosso Senhor para o Horto, e a Nossa Senhora para outra casa. Quarta-feira, é a procissão de encontro, que vem fazendo a Via Sacra, os passos todos...

- *Aí na quarta, o santo e o Senhor dos Passos...*

- Encontra com Nossa Senhora, encontram os dois, também vêm para a igreja. Na igreja tem aquela tradição, de rezar, beijar, dar esmola. Têm as simpatias, não sei se posso usar a palavra “simpatia”, trocar a moedinha, né? Troca, vai lá e troca a moedinha com o santo, joga pedrinha na porta da igreja pra fazer pedido à meia-noite, então têm essas tradições também. Quinta-feira, lava-pés. Sexta-feira, temos a Encenação da Morte de Cristo, com o grupo que, até o Maislan, Cássio, coordena este grupo, e etc.

- *É um grupo de teatro amador?*

- É, teatro amador...

- *Você sabe o nome dele?*

- Não, é um grupo...e, tem a procissão também descendo, e sábado é o Real da Aleluia, com missa às dez horas da noite, e no domingo termina.

- *A encenação, ela é feita de um lado da Igreja Nossa Senhora do Pilar, ou dentro da igreja?*

- Não, a encenação é feita numa praça lá em cima. Geralmente ela é feita numa praça. Ela foi feita lá no paredão, ela já foi feita na praça lá embaixo. Ela, este ano ela já foi feita na outra praça lá em cima...

- *Ela vai mudando os lugares.*

- Vai mudando os lugares.

- *E o carnaval? O carnaval é mais de rua, como é que é?*

- O carnaval é de rua.

- *Com participação de blocos?*

- Participação de blocos, o carnaval é de rua...hoje, vem um número de pessoas muito grande, para o carnaval, que durante o dia fica nas cachoeiras, nos rios, e etc. E à noite, é rua. Aí é barracas na rua....e no sábado, acontece o desfile dos blocos. No domingo, tem a Banda Mole, que são os homens vestidos de mulher, eles mesmo tocam seus instrumentos. Mas não é de salão, é de rua mesmo.

- *A Banda Mole é organizada pelo pessoal local.*

- Pelo pessoal local.

- *E os blocos, vêm blocos de algumas cidades vizinhas?*

- Vêm das cidades vizinhas, vêm blocos pra cá, e temos o daqui do Morro do Pilar também.

Nome eu não sei.

- Mas depois a gente busca o nome do bloco. Não tem problema não. E a Festa Junina também, tem nas escolas, e também na rua?

- Acontece nas escolas, e acontece na rua. Na rua geralmente ela é feita lá no Paredão, neste lugar onde que foi lá, no Monumento Intendente Câmara. Têm grupos que fazem na própria rua, para render para alguma festividade da igreja, a gente faz próximo à igreja, coloca as barracas, começa a vender as coisas no lugar, etc. E também têm essas, que são feitas dessas formas, a Festa Junina.

- Até agora a gente ressaltou mais as festividades que têm, né, e que a gente acabou contemplando todas que existem na cidade, não é isso mesmo, Maria José? Aí agora pras formas de expressão, que seria no caso a Dança do Batuque, como que é, você tem alguma informação em relação a isso, uma coisa atuante?

- A Dança do Batuque, tínhamos grupos assim bem atuantes. Mas como nós já falamos, as pessoas vão morrendo, e vai acabando. Mas ainda existem pessoas dentro do Morro do Pilar, que dançam. É a dança de quatro pessoas, que ao som de uma musiquinha lá, de uns tambores, dançam...tem a do Batuque, tem o Catopê também, que a gente ainda também essas raízes, que também são feitas com os próprios tambores deles lá. Tem a musiquinha própria, que cantam. É o Batuque, o Catopê, Marujada...a Marujada é uma das mais atuantes. Esta então, nas festas de agosto, essa aparece mesmo, e eles adoram, é um grupo bem atuante, é o de Marujada.

- E todos os membros do grupo da Marujada, exibem na sede ou comunidades gerais?

- Não, nós temos também na sede e temos em comunidade rural.

- E o grupo de Catopê, ele também apresentam em algumas das festividades que você mencionou atrás?

- Quando é procurado, esses mais jovens que ainda continuam, apresentam.

- Mas é quando eles são procurados. Mas caso contrário...

- Não, não, não. Porque já está quase extinto.

- Você sabe quantas pessoas compõem o...ou você não sabe?

- Ah, umas dez pessoas.

- Dessas dez pessoas, a maioria é mais velha?

- Não, não, eles são jovens. São pessoas mais novas, né?

- E a banda de música, Lira Nossa Senhora do Pilar. Ela existe desde quando?

- A Lira Nossa Senhora do Pilar, é antiga também, no município.

- E ela é atuante?

- Ela é atuante. Ela é uma banda, a gente pode falar dessa forma. Eles não ensaiam, mas quando chega a época de Semana Santa, Festa de Agosto, eles vão e ensaiam ali uns dez dias, e vão pra rua e fazem o show.

- *Então eles apresentam na Semana Santa e na Festa de Agosto.*

- Festa de Agosto eles apresentam. A gente tá até agora, ver se consegue um maestro, pra ensinar para o pessoal mais jovem, pra dar continuidade. Mas é uma banda bem atuante, a Lira Nossa Senhora do Pilar.

- *E ela tem mais ou menos aí quantos membros, você sabe?*

- Ah, deve ter uns 25 membros, que ela deve ter.

- *E o Coral Nossa Senhora do Pilar, também é atuante tanto quando a banda...?*

- O Coral Nossa Senhora do Pilar, atuante, este é nas missas, nas festividades, nas procissões, eles também são bem atuantes. Bom, não é formado, não tem um grupo enorme, é com menos gente, mas também é atuante. Mas tínhamos um outro, a hora que tocava até o piano, mas agora ela afastou, de vez em quando que ela faz uma apresentação. O Dia das Mães, o Dia dos Pais, ela arruma um grupo de pessoas, né, escolhe um grupo de pessoas pra fazer uma apresentação. Mas o atuante mesmo é o dessas meninas, que são mais jovens, é que cantam lá, estão nas festividades todas, nas missas, etc., no Morro do Pilar.

- *E tanto o coral quanto a banda, eles têm sede própria, ou não?*

- Não.

- *Aí no caso da banda que tem instrumentos, isso aí é alocado na casa dos componentes...*

- Ficam guardados lá no salão... da paróquia. Fica guardado lá os instrumentos.

- *E quando eles ensaiam, também eles usam esse espaço.*

- Eles usam esse espaço. Eles ensaiam lá no salão.

- *E o coral, idem também. Usa o espaço...*

- O coral, usa o espaço, ou da igreja para ensaiar, ou então na casa da pessoa que toca o violão, eles usam até mais o espaço da casa dessas pessoas, desse senhor, que toca.

- *Aí relacionado a ofícios e modos de fazer, mestre, tocando mais na produção artesanal, o quê que sobressai assim como produto artesanal que é tradicional no município?*

- O produto nosso, tradicional mesmo do município, é o chapéu de palha. Nós temos dois tipos de chapéu. O chapéu de palha de taquarassu, e o de andaiá. São estes dois, os mais fortes. E temos assim grupos que fazem a esteira, também da palha do taquarassu, que é feita a esteira...cestas, etc. Tem muita coisa que ainda faz com a palha de taquarassu. Então é um produto assim, e também, antigo no Morro. Como fazer? Busca o taquarassu, tem aquele processo todo de estalar, tirar, fermentar a palha, por pra quicar pra ficar clarinha, depois a

trança, depois que vai costurar o chapéu. E o de andaiá também é o mesmo processo. É do coqueiro, e é muito mais trabalhoso, porque já é costurado a mão, não é à máquina, como o de taquarassu.

- *O de andaiá você fala?*

- Sim, o de andaiá é a mão, costura-se a mão.

- *E a gente ficou sabendo que há várias famílias, muitos familiares que produzem este chapéu, é isso? Essas famílias, desde a colheita do taquarassu, até a produção do chapéu, como é que funciona?*

- Alguns... [termo de difícil compreensão] colheita do taquarassu, outros não. Já pegam a palha, ou já pegam a trança, e só costuram o chapéu, né?

- *Esses que só pegam o taquarassu ou a trança, jogam o laço trabalhado, aí já pega com pessoas aqui das regiões que trabalham o taquarassu e passam pra eles.*

- Exatamente. Trabalham, e vendem a palha, ou então a trança. E passam pras pessoas que dão continuidade ali, fazendo chapéu pra comércio, né? Pro comércio.

- *E por outro lado, há família que desde o início da colheita do taquarassu, até a produção...*

- Até a produção final. Até o chapéu. Fazem de tudo: buscam o taquarassu, e fazem até o chapéu.

- *E esses chapéus são escoados, vendidos pra que lugares?*

- São vendidos pra Belo Horizonte. Hoje nós já temos o chapéu de andaiá que tem uma australiana aí que tá levando, até pra Áustria, já leva pra África, pras companheiras dela lá, já tá assim, começando a exportar o de andaiá, o chapéu.

- *E tem uma estimativa mais ou menos de quantas famílias estão envolvidas neste processo? Ou não tem assim, este número?*

- A estimativa, a gente não tem números de pessoas assim não.

- *Mas é um número considerável?*

- É um número considerável. Deve ter assim, umas 30 famílias envolvidas.

- *E essas famílias estão tanto aqui na sede, como nas comunidades rurais, ou mais na sede?*

- Temos na sede, e temos também nas comunidades rurais. Nós temos também aqui o Facadinho, e temos a Lapinha, que onde também é uma das comunidades rurais que é a mais forte, de trabalhar com as palhas.

- *E na Lapinha a gente tá sabendo que existe uma associação, né? Qual que é o papel dessa associação na Lapinha?*

- O papel da associação na Lapinha, é exatamente fazer uma, tipo uma cooperativa mesmo, que eles trabalham juntos, no Chapéu, no doce, na rapadura. E trabalham, e têm um grupo que

leva estes produtos para ser revendidos em Belo Horizonte. Já tem até uma loja, se não me engano é lá na Serra, e vende também na feira em Belo Horizonte. Aí leva mel, esses produtos todos...

- *A loja que você fala na Serra, é uma loja lá no distrito da Serra do Cipó?*

- Não. Na Serra, do bairro Serra em Belo Horizonte.

- *E mais em alguma loja em Belo Horizonte, ou só na Serra.*

- Só na Serra. Eles trabalham lá e trabalham em feira. Também levam, ajuntam o produto, o rapaz leva e vende...

- *A feira que você fala é aquela tradicional de domingo lá em Belo Horizonte, que você fala?*

- Domingo, aí levam e vendem lá.

- *Além dessas produções artesanais, e dessas matérias-primas, há alguma outra...?*

- Essa associação lá da Lapinha, eles trabalham um tanto de produtos que eles fazem. Esses que eu já te falei, o fubá do moinho de água, o arroz, que ainda é socado no pilão, é coisa assim natural, mesmo, que eles trabalham com ela, né? É artesanal e natural mesmo, o produto deles. Fazem o doce, a bananada...tudo embalado, tudo bonitinho, organizadinho, com rótulo, data de validade, eles são bem organizados, essa associação.

- *E outros ofícios como benzedeira, violeiro, sanfoneiro, há também em Morro do Pilar?*

- Tem os sanfoneiros, não muitos, mas temos. Temos violeiros, hoje temos até um grupo até de jovens, que tem um rapaz aqui no Morro que ensina, este rapaz também que é do coral, e tá ensinando para os jovens, então tá crescendo o grupo, né? E benzedeiras, a gente tem muitas, várias benzedeiras...quê mais que você perguntou?

- *Benzedeiras, violeiros, sanfoneiros, mas mesmo estas questões.*

- É, essas questões, temos. A gente tem vários.

- *Nome assim, você lembra de algum agora, ou não?*

- De benzedeiras?

- É, e de violeiros, sanfoneiros...nomes.

- Benzedeira nós temos a Maria José Viana, nós temos a Dona Preta, nós temos a Maria, a Dona...me fugiu o nome. Nós temos várias.

- *Todas essas que você citou estão aqui na sede também.*

- Estão na sede.

- *E esses violeiros e sanfoneiros, eles também atuam na banda de música Lira Nossa Senhora do Pilar e no coral, ou não?*

- Os violeiros atuam. Sanfoneiros, de vez em quando.

- *Mas os violeiros mesmo.*

- Mas os violeiros mesmo.

- *De todos esses bens imateriais que a gente citou, que você citou pra gente, qual a importância, que você percebe, pros moradores da cidade, desses bens, da existência desses bens?*

- Ó, a existência desses bens para os moradores, para os que trabalham com a palha, renda financeira. Tem a renda financeira, é o sustento deles, eles trabalham com essa palha. Os violeiros, trabalham, de vez em quando temos alguma seresta, os sanfoneiros também pela mesma forma...o povo junta uma rodinha assim e faz. De modo geral, traz uma certa assim, lazer, para a cidade, né? As benzedeiras, são as crenças populares, as pessoas procuram e realmente dá resultado, pra olhar mau olhado, ventre caído, uma série de coisas. Coluna, que tá fora do lugar, etc., então sempre têm esses resultados também, e o pessoal fala que são resultados positivos. E de modo geral, a gente trabalhando na cultura, a gente tá sempre buscando, querendo resgatar o passado, inovando, fazendo coisas novas.

- *E como que você acha que esses bens, os dois são produzidos e reproduzidos, ou seja, como que eles se mantêm na sua sustentabilidade, como é que você acha que eles se mantêm ao longo desses anos, essas práticas, como é que você vê isso?*

- Da sustentabilidade?

- *É, da sustentabilidade desses bens, ou seja, tem a Festa de Nossa Senhora do Pilar, vão colocar aí que ela acontece desde... há 95 anos que acontece a Festa Nossa Senhora do Pilar. Durante esse tempo todo, porque que ela se manteve, como que se dá o processo de sustentabilidade dessas formas: seja celebração, seja de ofícios, modos de fazer e...como você vê?*

- Acaba sendo mais tradição. Vai vindo, né? Acontece um ano, noutro ano acontece, noutro ano acontece, então eu acho que acaba sendo mais é tradição mesmo, essas festas. Acabar com elas, hoje não tem condição de acabar mais, porque quantos anos elas existem. E são épocas assim marcadas, que os morrenses ausentes voltam todos pra cidade, o pessoal da zona rural volta pra cidade...então, a sustentabilidade dela também vem através do povo. Porque têm sempre os festeiros, mas o que sustenta mesmo são as crianças, que vão atrás de um de outro, pede uma ajuda de um, ajuda de outro, e dá continuidade.

- *E como que você percebe que esses bens são passados de geração pra geração, pras novas que vão vim? Desde as festividades, ao artesanato, você pode pensar de forma ampla.*

- Famílias. A família que mexe com a palha, todos geralmente da família trabalham com a palha. A família que mexe lá com o doce, com a quitanda, todos trabalham na casa com aquela arte. Então é passado, sempre assim, é de geração mesmo, é família mesmo, que vai

deixando para um para o outro, vai dando continuidade, sequência...As festas, começou há muitos anos atrás, não tenho assim uma data certa de quando começou, mas ela continua assim, o ritmo, o que aconteceu há vários anos atrás, continua acontecendo até hoje. As mudanças, né? As maneiras de vestir, cada ano inovando uma coisa diferente, então têm essas coisas também. Há essas inovações, mas tudo vem passando de geração pra geração tranquilamente, e acontece.

- *Desses bens que você citou pra gente, você acha que algum desses corre o risco de deixar de existir, de acabar, assim daqui há dois anos, daqui três anos?*

- Corre, corre o risco.

- *Quais?*

- O Catopê, corre o risco.

- *Porquê?*

- A geração nova...porque é dança de escravos, e os novos não estão querendo mais. Essa corre.

- *Não estão querendo mais, porque...?*

- Dar continuidade. Eu não sei aí se entra aí o caso que hoje a juventude não tá muito ligada nisso, e como é uma dança do tempo dos escravos ainda, essa corre o risco de acabar.

- *Corre mais por falta de renovação.*

- Renovação, de grupo. O Batuque também, por exemplo, também corre o risco de acabar, porque as pessoas de hoje, já não querem também aprender mais o batuque. Ainda existem poucas pessoas que dançam o Batuque no Morro do Pilar, mas é só em ocasiões especiais, as festas especiais assim que eles fazem de família mesmo, etc. Não é essa indisposição, nas festas tradicionais não.

- *Além desses tem algum, que você acha que...?*

- Não, mais em extinção, são esses aí. A Marujada num é de extinção, esse aí é um grupo firme, num tem não. Os dois que correm mais risco são esses dois aí.

- *Tem líder aí nesses grupos, você identifica algum líder da batucada, líder do Catopê, líder da Marujada?*

- Pois é, é o que a gente acabou de falar. O líder do Catopê: hoje a gente tem um rapaz, que se a gente for atrás dele, ele tá trabalhando; se a gente for atrás dele e conversar com ele, ele pode juntar e fazer até uma demonstração pra gente ver. Mas não é aquela liderança mais, igual tinha, né? O batuque por exemplo, também não tem liderança não. É como se a gente fosse pra uma festa e de repente um começar a dançar e etc., e a dança acontece. Também o batuque é dessa forma, lideranças num tem não.

- *E quais as dificuldades que você vê que essas manifestações, esses bens enfrentam. Aí você pode pegar, por exemplo, em relação às festividades, você consegue vislumbrar quais dificuldades. Aí no caso as festas, no caso desses grupos, em relação ao artesanato, que talvez tenham dificuldades distintas...?*

- No caso, as dificuldades para as festas, por exemplo. Cada festeiro, que pega a festa, quer inovar, quer fazer coisas diferentes, e ficam caras. E às vezes, muitas famílias, ou outros grupos, deixam de pegar porque fica pesado, financeiramente fica caro uma festa dessa. Em vez de pegar, porque o fulano trouxe banda, o fulano fez isso, o fulano fez aquilo. Então, traz essa dificuldade, as festas tradicionais. Por outro lado, a parte espiritualidade tá ficando também pra trás. O pessoal tá envolvendo mais com as festas de rua mesmo, com banda e etc., pra tocar à noite e etc., e a parte de espiritualidade tá ficando pra trás. Nos grupos de artesanato, este é até hoje um material que às vezes está sendo escasso, porque o taquarassu já está sendo buscado em Itambé, por exemplo, já sei que tem gente que busca taquarassu, lugares bem distantes. Porque o da região já está acabando, e como nós estávamos conversando, não sei se é um bem renovável, o taquarassu, a gente tem que procurar saber disso. Mas eu acredito que ele seja também.

- *E o andaiá, é o mesmo processo que o taquarassu?*

- Andaiá também é o mesmo processo, mesmo processo. Mas este tem o coqueiro, a gente tem que ver a palha que eles tiram do coqueiro, se derruba o coqueiro, num sei. Mas a palha é tirada do miolo do coqueiro, como que eles tiram essa palha também eu num tenho conhecimento não, que é trabalhada. E dificuldades, a gente tem em tudo, né? Principalmente cidade do interior, que a gente vai trabalhar assim com até grupos mesmo da igreja, grupos de...a gente enfrenta as dificuldades, uns participam bem, outros começam a falar, daqui a pouco vêm as desavenças, depois volta todo mundo...essas dificuldades a gente tem para tudo. Não temos muito apoio. Prefeitura não dá muito apoio pra esses grupos, e sempre a gente faz assim, correndo atrás de recurso próprio mesmo.

- *E tem alguma dificuldade enfrentada, se tem, você pode pontuar pra gente relacionado aos grupos. Ou você não vislumbra: a Marujada, o coral, a banda...*

- Dificuldades?

- *É, dificuldades que eles enfrentam...há alguma dificuldade específica que esses grupos enfrentam?*

- Bom, eu te falei, volto a repetir...

- *A questão do apoio, né?*

- É, dificuldade tem. Mas, com boa vontade a gente vai passando por cima, levando...é mesmo falta de apoio.

- *E teria algumas soluções que você sabe que são encontradas, pra dar continuidade a essas manifestações, que essas pessoas, apesar das dificuldades, eles encontram umas soluções pra poder levar adiante esses bens?*

- Boa vontade. Acho que a única solução que tem é essa: é a boa vontade mesmo, né? Porque...é difícil, mas esses por exemplo, coral, banda, eles têm essa boa vontade de estar, de prestar essa homenagem, etc. Então a Semana Santa, eles num falham mesmo, as festas de agosto, que às vezes tem festeiro também que traz banda até de outra região. Mas o daqui também sempre estão participando, tão junto...é tranquilo.

- *Tem algum comentário que você gostaria de fazer, que não foi contemplado mas você queria colocar, alguma outra coisa...ou você acha que está suficiente?*

- Olha, Andréia, contemplar a gente gostaria muito de ser contemplado com diversas coisas. Que hoje esses órgãos olhem mais pra essas cidades do interior, começar pelos nossos jovens, com mais incentivo, pra buscar, pra resgatar, e às vezes até pra solucionar vários problemas. Porque se a gente tiver uma atividade pra eles, quantos talvez a gente livre da droga, de um outro vício ou de qualquer coisa. Então eu sempre deixo um pedido assim de, toda ajuda é bem vinda, a gente precisa mesmo, E, ajudar o pessoal, buscar essa conservação aí, nessa busca constante que a gente tem que ter.

- *Mais alguma outra coisa?*

- Não.

- *Então tá, obrigada.*

- Eu que agradeço.